



A RELIGIÃO COMO PRODUTO DA CONSTRUÇÃO SOCIAL¹

The religion as a product of the social construction

Elaine Cristina Alves da Costa Savalli²

O objetivo destas reflexões traduz-se como uma tentativa de mostrar a influência da religião na vida do ser humano. O homem nasce e é inserido em uma nova vivência social e cultural. Assim como outros construtos sociais a religião com seu discurso legitimador, vai conduzir e formar uma ideologia acerca do mundo que o rodeia. Baseando-nos em Berger, observamos que a religião ocupa um lugar de destaque na construção de um mundo possível, aceitável pela população. Tentar fugir deste consenso significa sofrer sanções e estar fora do que pensa a maioria. É importante manter a estrutura de plausibilidade para um mundo socialmente construído, pois justifica até as guerras mais violentas advindas de idéias centrais vividas pela sociedade.

Na vida humana entende-se uma realidade que, por não vir pronta da natureza, como a do mundo biológico dos animais, precisa ser construída pelos homens. Uma realidade peculiar, a qual Berger explica da seguinte forma:

Como os outros mamíferos, o homem está *em* um mundo que precede o seu aparecimento. Mas à diferença dos outros mamíferos, este mundo não é simplesmente dado, pré-fabricado para ele. O homem precisa *fazer* um mundo para si (BERGER, 1985, p.18).

Mais adiante ele afirma que o homem “biologicamente privado de um mundo do homem, constrói um mundo humano. Esse mundo, naturalmente, é a cultura” (BERGER, 1985, p.19).

O homem ao nascer é inserido no mundo onde irá começar a desenvolver-se biológica e culturalmente. O mesmo depende, pelo menos, de dois ambientes para sobreviver: o natural, que é considerado o particular, o familiar, cujo espaço irá adquirir traços característicos de sua linhagem; e o segundo ambiente, que é o sociocultural, onde

¹ Trabalho elaborado como parte da avaliação da disciplina “Religião e Religiosidade, ministrada pelo prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior, PPGCS/UFRN, semestre 2007.1.

² Mestre em Ciências Sociais e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Orientanda do prof. Dr. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior.

o indivíduo irá criar laços sociais, observando que será impossível viver isoladamente. Este é o quadro da realidade básica a ser vivenciada por todo ser humano.

A análise da realidade, definida por Berger, permite um acercamento do cotidiano, porque é na vida diária onde a imagem é mais visível e reconhecível. Diante disso, é passível o conhecimento de comportamentos humanos na dinâmica social, como também a verificação dos mecanismos de socialização que levam ao 'equilíbrio' do cotidiano, determinado pelo sentido comum, que é a lei comum das relações sociais. O indivíduo aparece como produto de um espaço social que é construído dialeticamente, depurado pelo consenso de seus atores, culminando na identidade da estrutura social.

Mas, como obter esse consenso após vários diálogos, argumentos e dissensos? É preciso algo que o potencialize para se ter o mínimo de opiniões em harmonia. A base para a aceitação social objetivada está na legitimação.

Berger define que:

por legitimação se entende o “saber” socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social. Em outras palavras, as legitimações são as respostas a quaisquer perguntas sobre o “porquê” dos dispositivos institucionais. (BERGER, 1985, p. 42, grifos do autor)

Os discursos legitimadores ajudam a sustentar os mundos humanos. Contudo, a legitimação não garante a manutenção do mundo, estando ela só; é preciso que haja condições na estrutura da sociedade para que a mesma tenha efeito. A legitimação só terá validade se houver uma estrutura de plausibilidade, ou seja, de aceitação social. Não bastam que as respostas legitimadoras sejam repetidas indefinidamente. É preciso que a sociedade esteja estruturada para que essas respostas façam sentido. Quanto melhor a estrutura de plausibilidade da sociedade, mais explicações virão à tona acerca do mundo e, conseqüentemente, menos discursos legitimadores são necessários para a sua manutenção. Uma boa estrutura de plausibilidade resiste às anomias sociais, às guerras, enfim, aos problemas que norteiam o mundo.

Em “O Dossel Sagrado”, Berger fala da legitimação ocorrida em quatro níveis: a) Nível pré-teórico, ou melhor dizendo, incipientemente teórico, em que a legitimação assume a forma de “provérbios, máximas morais e sabedoria tradicional.” (1985, p. 44); b) Nível teórico: aqui são explicados e justificados os setores específicos do saber; c) Nível altamente teórico: as legitimações são integradas numa cosmovisão na qual se abrange tudo. Neste nível é atingido a consciência teórica.

A religião também tem sua base legitimadora. Existe uma importante relação entre elas. De acordo com a história, a religião foi o instrumento mais amplo e efetivo de

legitimação, e isso se deve ao fato de que a legitimação religiosa fundamenta a ordem social em origens que transcendem a história e o homem. “Toda legitimação mantém a realidade socialmente definida.” (BERGER, 1985, p. 45).

Segundo Berger, a religião faz parte do mundo criado pelo homem, como também da cultura estabelecida por uma comunidade de homens ou, antes, por uma sociedade, já que existe mais um acordo do que uma essência comum entre os indivíduos que compõem essa sociedade. Para Berger, a religião é a construção de um dossel sagrado que serve para explicar os fenômenos.

Berger entende a cultura como o produto da atividade e da consciência humanas. E a religião entra em cena como o meio necessário para a manutenção desse mundo. Para Berger, “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo. A religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento.” (1985, p.15).

O mundo socialmente construído pelos homens se apresenta estruturalmente muito menos sólido do que o mundo biológico dos animais: “Todos os mundos socialmente construídos são intrinsecamente precários”. (BERGER, 1985, p.42). Daí surge a necessidade de unir esforços para que se mantenha o mundo humano. Essa manutenção é realizada através de discursos legitimadores, sendo o discurso da religião o mais eficaz para tal tarefa. “A religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas” (BERGER, 1985, p. 45).

O fato de a cultura ser uma nova ordem ou um mundo construído a partir de um momento histórico específico representa uma preocupação a respeito de sua legitimação:

Se um indivíduo se imagina um fundador de sociedades consciente de seu papel, algo como uma combinação entre Moisés e Maquiavel, poderia ser colocada a seguinte questão: como se poderia assegurar a conservação dessa ordem institucional, nesse momento estabelecida *ex nihilo*? Em termos de poder existe uma resposta óbvia a essa questão. Mas se se imagina que todos os meios de poder tenham sido empregados, todos os opositores destruídos, todos os meios de coerção à nossa disposição tenham alcançado um resultado positivo e que tenham sido tomadas todas as medidas razoáveis para a transmissão de poder aos sucessores designados, ficará ainda por resolver o problema de legitimação mais urgente, devido à novidade e à muito sabida precariedade da nova ordem. (BERGER, 1985. p. 45-46, grifos do autor).

Em outras palavras: como convencer uma sociedade da validade de uma nova ordem, se não há nada que lhe sirva de base legitimadora? A resposta de Berger é que se há de considerar que “a ordem institucional seja interpretada de modo que oculte seu caráter de algo construído” (BERGER, 1985, p. 46), de modo que pareça sempre ter

existido e para sempre passível de existir; supostamente perfeito; algo divino; que acreditem que, pondo em prática os programas institucionais realizem os seus desejos e se harmonizem com a ordem fundamental do universo. A partir dessas afirmações Berger consegue estabelecer legitimações religiosas.

A religião situa as instituições num quadro de referência sagrado e cósmico. A legitimação religiosa relaciona a realidade humana como a única definida numa coletividade humana. As atividades humanas, apesar de contraditórias, recebem a aparência de inevitabilidade, firmeza e durabilidade de suas construções ganhando, na visão de Berger, o *status* cósmico.

A cosmoficação se refere, é claro, não só às estruturas nômicas gerais, mas, às instituições e papéis específicos numa dada sociedade. O *status* cósmico atribuído a eles é objetivado, isto é, torna-se parte da realidade objetivamente disponível das instituições e papéis em causa. (BERGER, 1985, p. 49).

Na prática, as instituições mudam à medida que as exigências da sociedade mudam, portanto, estão sempre em ameaça devido à dialética que compõe a realidade. Mas, as legitimações cósmicas são aceitas como óbvias, passando por cima das contingências humanas e históricas, permitindo ao indivíduo ter um senso de retidão moral nos papéis que devem desempenhar na sociedade. E quando se vai contra essa ordem imposta, é, todavia, “aliar-se às forças primevas da escuridão”. É arriscar-se numa irrealidade, porque este ser errante não pode sobreviver isolado; é preciso o respaldo social para poder manter vivas as contradições do mundo, que geram os questionamentos.

Mas, como devem nascer as legitimações religiosas? Afirma Berger que, nascem das atividades humanas que se tornam cristalizadas em seus significados e que têm como conseqüência uma tradição religiosa. A religião então serve para manter a realidade do mundo que foi socialmente construído pelo homem que vive cotidianamente. Ela tem a função de tornar compreensíveis as situações que a realidade vai colocar em dúvida; essas situações são consideradas ‘marginais’, por que não estão inseridas na sociedade.

Na mente contraditória do indivíduo passam situações duvidosas a cada instante. “A realidade da vida de cada dia é, portanto, continuamente envolvida por uma penumbra de realidades imensamente diferentes.” (BERGER, 1985, p. 55). A religião serve para entrosar as realidades invasoras e obscuras na realidade da vida cotidiana. Mantém a harmonia da vida real legitimando as situações marginais, tornando-as sagradas e aceitas pelo universo. Assim, o indivíduo continua a existir na sociedade, no seu “antigo” mundo,

sabendo que seus questionamentos têm sentido e significam algo para si e para os outros.

Desse modo, é possível a manutenção de uma base social para continuar a existência humana com um mundo que é real para seres humanos reais. Quando o indivíduo deseja se converter deve desligar-se dos grupos que constituíam sua antiga estrutura de plausibilidade e associar-se mais intensamente àqueles que irão compor a sua nova realidade religiosa. De acordo com Berger (1985), migrar “entre mundos religiosos significa migrar entre suas respectivas estruturas de plausibilidade.”

As atividades humanas que a sociedade produz também produzem religião, essa deriva da realidade objetiva e subjetiva dos homens e, para mantê-la, é necessário resolver um problema de “engenharia social”, pois, para permanecer em sua religião, o ser humano deve conservar uma estrutura adequada de plausibilidade.

No caso de uma situação de pluralidade de sistemas religiosos, Berger faz uma analogia geográfica, comentando que a manutenção desses sistemas

[...] envolve a proteção dos limites territoriais de cada estrutura de plausibilidade (sendo a fronteira militar entre os dois mundos igualmente uma fronteira cognoscitiva), estendê-los se possível (através de Cruzadas e Guerras Santas) e a manter controles eficazes sobre os desviados dentro dos respectivos territórios (BERGER, 1985, p. 62, grifos do autor).

A manutenção de um sistema religioso é de tal importância na realidade socialmente construída, que os esforços da sociedade, base responsável para uma estrutura plausível, podem resolver o problema com elevada probabilidade de sucesso. Berger afirma não ser possível quando há sistemas religiosos diferentes em competição pluralística. Mas ainda assim, a “engenharia social” tem o seu papel de construir e manter sociedades que podem servir “de estruturas de plausibilidade para os sistemas religiosos desmonopolizados”. (BERGER, 1985, p. 62). É importante manter íntegra a estrutura de plausibilidade para um mundo socialmente construído, pois justifica as guerras mais violentas contra todas as estruturas adversárias.

A religião tem algo de eterno e sobrevive a todos os símbolos e estruturas. Não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar os sentimentos e idéias coletivas, pois juntas constituem unidades de pensamentos e ações. Isso só pode ser obtido através de momentos de aproximação, pois haverá uma reafirmação em comum dos seus sentimentos afins.

Portanto, para que nossas reflexões possam alimentar outras, sobre a religião, como produto da construção social, encerramos estas com a proposição de Berger:

“quanto menos firme se torna, a estrutura de plausibilidade, mais aguda se tornará a necessidade de legitimações para a manutenção do mundo.” (BERGER, 1985: 60)

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2000.